

# Pelo Mundo De Berlim

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN

segundocaderno@oglobo.com.br

## Um rebelde sofisticado

Martin Kippenberger teria completado 60 anos em fevereiro deste ano. Artista da geração que cresceu com a Guerra Fria, ele era um rebelde sofisticado, de estilo único. Faleceu jovem, aos 44 anos. Com seu jeito provocador, tematizava os traumas dos alemães e os seus próprios. Deixou um grande conjunto de pinturas, desenhos, esculturas, *ready-mades*, instalações, livros e anotações. Para além de produzir obras, foi uma “figuraça” pública e um agregador das cenas artísticas por onde passou.

**N**ascido em Dortmund em 1953, sabia desde criança que iria ser artista. Estudou artes em Hamburgo entre 1972 e 76, onde conheceu o trabalho de Sigmar Polke. Em 1977 conhece os melhores amigos, os também pintores Werner Büttner e os irmãos Albert e Markus Oehlen. Em seguida, chega a Berlim Ocidental, onde funda em 1978, com a galerista Gisela Capitain, o Kippenbergers Büro, um QG artístico tipo o Factory de Andy Warhol. Ainda em Berlim como sócio do legendário punk-rock-club SO36, tenta criar uma ponte entre punk, new wave e arte, apresentando bandas de vanguarda como The Red Crayola, Suicide e Lydia Lunch. O público odiou. A “arte-chiqueria” de Kippenberger entra em choque com a cena anarcopunk local e culmina no chamado “comando contra o terror consumista”, quando, durante um show da banda inglesa Wire, a bilheteria do SO36 foi assaltada. Depois dessa, Martin Kippenberger muda-se para Colônia, e participa de forma intensa da movimentação artística local.

Nos anos 1980, Kippenberger começa a questionar a soberania da pintura, criando obras bastante conceituais que, no entanto, ainda eram telas pintadas. Exemplo é a série “Lieber Maler, male Mir” (Querido pintor, pinte para mim). Ele contrata um pintor chamado Werner para fazer retratos a partir de fotos e assina as obras como Werner Kippenberger. Para completar, o título da série cita uma canção das paradas de sucesso, não exatamente algo *cool* no sistema das artes da época.

Com trabalhos que já causavam polêmica no título, sua primeira exposição em um museu alemão só acontece em 1986, em Darmstadt. Posteriormente, ele expôs no Centro Pompidou em Paris (1993) e no Museu Boijmans Van Beuningen em Rotterdam (1994), mas só iria ganhar projeção internacional após a sua morte. A partir de 2003, ano em que seu trabalho representou a Alemanha na Bienal de Veneza ao lado da fotógrafa Candida Höfer, Kippenberger é tema de importantes exposições. Seus trabalhos estiveram na Tate Modern de Londres (2006), no Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles e de Nova York (2009) e no Museu Picasso Malaga (2011). E, no mercado, está em plena ascensão: no último leilão da Christie’s de Londres, um autorretrato seu alcançou US\$ 5,1 milhões.

Foram muitas as suas viagens. Conta a lenda que, quando esteve Brasil, em 1986, Kippenberger comprou um posto de gasolina desativado em uma praia perto de Salvador. Lá colocou alguém para atender ao telefone do posto, batizado Martin Bormann Tankstelle. Bormann era um criminoso nazista que diziam estar escondido no Brasil. Como dessa obra só ficou uma única foto, é difícil saber se a história é mesmo como ele conta. Em matéria sobre Kippenberger no blog artlurker, sugere-se que o posto-obra seria uma citação ao filme “Supervixens” (1975), de Russ Meyer, cujo protagonista trabalha no posto de Martin Bormann. O episódio leva a interpretações ambíguas dentro do universo do trabalho do artista, que foi na época acusado por alguns alemães de neonazista e por outros de palhaço. A viagem ao Brasil também rendeu a exposição póstuma “Magical Misery Tour”, exibida em Londres e Berlim.

A exposição “Sehr Gut-Very Good”, atualmente em cartaz no museu Hamburger Bahnhof, é um convite para conhecer o mundo de Kippenberger como pessoa pública e privada. Das 300 obras destaca-se uma homenagem ao Paris Bar, legendário local de Berlim. Dizem que, durante as vacas magras, Kippenberger trocava arte por refeições e bebidas e que a venda de uma obra sua salvou o Paris Bar de ir à falência. Ouvi falar no artista através do meu marido, Christian Kellersmann. Em 1989, hospedado na casa de um amigo, ele abriu e tomou uns goles de uma cerveja antes de dormir. Só que a latinha de Schlösser Alt era um *ready-made* fresquinho da série “Alkoholfolter”, produzida por Kippenberger no mesmo ano. O prejuízo, coberto por seguro, na época foi de 1.000 marcos alemães, hoje seria pelo menos seis vezes mais. Mas Christian não foi o único: em 2011, uma faxineira do museu Ostwall em Dortmund removeu uma mancha de tinta de uma instalação do artista danificando irreversivelmente a obra estimada em € 800 mil. Acho que, se soubesse dos episódios, Kippenberger daria muita risada. ●

SEGUNDA <b>DANIEL GALERA</b>	TERÇA <b>Pelo mundo</b> <b>CRISTINA RUIZ</b> BERLIM <b>ANA PAULA SOUSA</b> LONDRES	QUARTA <b>FRANCISCO BOSCO</b>	QUINTA <b>Pelo mundo</b> <b>EDUARDO GRAÇA</b> NOVA YORK <b>EDUARDO LEVY</b> LOS ANGELES	SEXTA <b>HERMANO VIANNA</b>	SÁBADO <b>JOSÉ MIGUEL WISNIK</b>	DOMINGO <b>CAETANO VELOSO</b>
---------------------------------	---	----------------------------------	--	--------------------------------	-------------------------------------	----------------------------------